

HORROR NO ORIENTE MÉDIO

Ajuda chega em Gaza

VINTE CAMINHÕES FORAM AUTORIZADOS POR ISRAEL A ENTRAR NO **ENCLAVE PALESTINO**, LEVANDO, PRINCIPALMENTE, INSUMOS DE SAÚDE. ONU ALERTA QUE SERIAM NECESSÁRIOS **100 VEÍCULOS DIÁRIOS** PARA SUPRIR AS NECESSIDADES DOS CIVIS

Horas antes de a Organização das Nações Unidas (ONU) e líderes internacionais pedirem um cessar-fogo na Faixa de Gaza, os primeiros 20 caminhões de ajuda humanitária foram autorizados a passar pelo posto de Rafah, na fronteira com o Egito. Segundo a agência BBC, os veículos transportaram medicamentos e suprimentos para traumas para 1,2 mil pessoas; kits portáteis de atendimento de até 235 feridos; tratamentos para doenças crônicas suficientes para 1,5 mil enfermos e remédios e produtos básicos essenciais para 300 mil habitantes durante três meses. Um deles levava caixões. Ao mesmo tempo, o Exército israelense afirmou que vai intensificar os bombardeiros no enclave palestino.

A Agência de Assistência e Obras para Refugiados da Palestina, da ONU, classificou o carregamento como “gota no oceano”, perto do que a região necessita. As Nações Unidas calculam que são necessários ao menos 100 caminhões diários para ajudar os 2,4 milhões de moradores de Gaza, que enfrentam a falta de água, energia elétrica e combustível — esse último, item proibido por Israel. Porém, não há previsão de novas remessas.

O governo dos Estados Unidos celebrou o início da entrada de ajuda, que ocorreu no 15º dia da guerra entre Israel e o Hamas. O secretário de Estado americano, Antony Blinken, pediu a todas as partes que mantenham aberta a passagem da fronteira de Rafah para permitir a entrega contínua de ajuda, “imprescindível para o bem-estar da população de Gaza”. Porém, testemunhas relataram à agência de notícias France-Presse que o posto foi fechado logo após a entrada da frota.

Cúpula

No Egito, líderes mundiais reunidos na Cúpula da Paz, no Cairo, pediram a entrega maciça de ajuda e um cessar-fogo imediato na guerra entre Israel e o grupo armado Hamas. O encontro, no entanto, terminou sem um comunicado conjunto devido à falta de acordo entre as nações. As negociações tropeçaram em dois pontos: os países árabes se



Vista aérea do comboio, autorizado a entrar pelo posto de Rafah, na fronteira com o Egito, no enclave palestino: sem combustível nem água

» Escritora morre em bombardeio

A Embaixada da Palestina em Brasília confirmou a morte da romancista feminista Heba Abu Nada, 32 anos, autora do romance *O oxigênio não é para os mortos*. Ela foi vítima de um bombardeio israelense na Faixa de Gaza. “Ela escreveu ontem (sexta-feira): ‘Se morrermos, saibam que estamos satisfeitos e firmes, e digam ao mundo, em nosso nome, que somos pessoas justas/do lado da verdade’”, destacou o perfil da representação diplomática, nas redes sociais. Em Detroit, nos Estados Unidos, a presidente de uma sinagoga, que tinha ligação com políticos locais do Partido Democrata, foi encontrada morta com ferimentos de faca, do lado de fora de sua casa. O crime ocorreu em um momento de tensão crescente entre as comunidades judaica e muçulmana no país.

negaram a assinar a “condenação clara ao Hamas” e “o pedido de libertação dos reféns” feito pelos ocidentais.

Líderes e representantes da Jordânia, da Autoridade

Palestina, da Liga Árabe, da União Africana, da União Europeia, da Rússia, da China, do Canadá, dos Estados Unidos e do Brasil estavam presentes. A presidência egípcia da cúpula criticou

“uma comunidade internacional que mostrou, nas últimas décadas, sua incapacidade de encontrar uma solução justa e duradoura para a questão palestina”.

Em resposta, Israel lamentou a falta de uma condenação do que chamou de “terrorismo islâmico”. “É lamentável que, mesmo após ter que enfrentar essas atrocidades horríveis, haja quem tenha dificuldade de condenar o terrorismo ou reconhecer o perigo”, criticou o Ministério das Relações Exteriores israelense, em nota.

“Não sairemos”

O presidente da Autoridade de Palestina, Mahmud Abbas, que governa a Cisjordânia, reiterou seu pedido pelo fim “da

ocupação israelense dos territórios palestinos” e por uma solução de dois Estados. “Não iremos embora das terras palestinas”, repetiu três vezes. Os líderes políticos da região consideram que esse é um primeiro passo para um deslocamento forçado de palestinos em direção ao Sinai egípcio. Abbas afirmou que isso seria o equivalente a “uma segunda Nakba” (catástrofe em árabe), em referência à expulsão de quase 760 mil palestinos após a criação do Estado de Israel, em 1948.

Mais de 1,4 mil pessoas morreram no ataque sem precedentes do Hamas contra Israel, em 7 de outubro. A maioria, segundo as autoridades israelenses, foi baleada, queimada viva ou mutilada. Cerca de 200 continuam sequestradas pelo grupo islamista.

Já o Ministério de Saúde do Hamas, que governa a Faixa de Gaza desde 2007, afirma que quase 4,3 mil palestinos foram vítimas letais dos bombardeios israelenses diários no enclave.

Ontem, Israel iniciou uma ação em Arura, na Cisjordânia, cidade natal de Saleh al-Arouri, considerado o número dois do Hamas — e um dos mentores dos ataques que deflagraram o conflito. Em um comunicado, o Exército afirmou que “interrogou e deteve dezenas de membros do Hamas”, incluindo familiares do segundo no comando do grupo armado, atrás apenas do líder Ismail Haniyeh. Após passar quase 20 anos em prisões israelenses, ele foi libertado em 2010 com a condição de se exilar e permanecer no Líbano.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

CLAMOR POR JUDEUS E PALESTINOS

É inultrapassável desassombro da acrobacia ideológica querer ser pró-palestina misturando sentimentos antiamericanos e antijudaicos. O olhar fora da guerra não é bom e pede advertência amistosa. Não culpar com veemência o Hamas pelo caos prejudicial ao Estado Palestino. A exclusão tem um importante papel na ordem do mundo e dar atenção aos grãos de verdade no meio da força do absurdo ajuda a história da amizade. A crônica da guerra entre Israel e o Hamas parece querer legalizar o desacordo para distribuir por dois a autoria. Certo fez a França e o governo de Berlim que proibiram manifestações antisemitas e passeatas de glorificação da violência. Sem líderes brandos, firmes e argutos, a paz é uma panela de pressão sem válvula de escape.

Em que lugar estamos na hierarquia do sofrimento. O que temos para dar e não podemos nos separar. Tem sempre algo para odiar no mundo. A

desigualdade é um axioma e uma ONU multilateral não pode fingir que não sabe que cada hora tem sua própria honra. Não há como dar de ombros à bagunça de um fanático. Poucos países nasceram para o que se exige deles. A maioria dá sempre um jeito de fazer o que lhe custa menos. Por si só, a ação humanitária vira uma forma de não assumir responsabilidade.

Quando Osama bin Laden, no distante ano de 1996, da caverna de Tora Bora, nas montanhas do Afeganistão, com um turbante branco, vestindo colete militar sobre túnica branca, determinou com base na lei islâmica uma infatigada contra os EUA, a inteligência do Pentágono não viu naquilo um levante, antes a caricatura de um homem primitivo. Em novo vídeo, acrescentou o Ocidente e Israel aos seus propósitos. Cinco anos depois, no 11 de setembro, jatos modernos, em atentados simultâneos, mostraram a ruína da soberba frente à

maldade humana.

O que se esconde por detrás da indignação, inveja ou revolta que atormenta e aflige judeus e palestinos são sempre reminiscências, angústias e tristes lembranças de vinganças e injustiças. Fantasmagorias teológicas e políticas ajudam a minar a relação entre pessoas e países, espectro evocado por governos e líderes que só conhecem o curvar-se diante deles. Não fosse o retrospecto de quem nomeia injustiçados cativos diante de opressores e figuras nefastas ao longo da história, o passado, memória ou profecia seriam uma coisa. Outra coisa é o presente-agora que deve ser tratado como crime ou barbárie. Mas não, o interesse em manipular o passado é o sentimento principal que inspira a política. A discórdia permanente dos homens é sempre em relação a si próprios. Apoiar o Hamas, incapaz de vislumbrar o futuro, não está à altura da história majestosa dos monoteísmos da região.

Os países democráticos deveriam saber que é uma ilusão querer ter o controle do mundo por via tecnológica. O mundo passou bem sem essa tecnologia. Quem a usa de forma incomum, para o mal ou vigilância, são os espíões e os hackers. Está aí a inteligência artificial emburrecendo a todos. Crianças e jovens não adquirem ou perderam o domínio da fala. Repetidores de frases não conhecem palavras, são outros, sem vias de acesso ao que penetra a alma. A tecnologia usufrui e coleciona pessoas, não os acolhe. Sem faro para o subjetivo, renega disparidades, ignora a miséria antiga que habita o coração. O máximo da insegurança vem sempre da teimosia e da perturbação das pessoas que acham que têm sempre razão.

Dois belos povos irmãos e vizinhos. Palestinos precisam urgentemente de um Martinho Lutero, tanto quanto os católicos precisaram outrora. Não é possível continuarem a aceitar que fanáticos armados interpretem o estado de ânimo de Maomé. Os judeus, que aprenderam a decifrar premonições com o luto, estão sempre em estado

de alerta à espera de estarem errados. Muitos cristãos também souberam entender as profecias e puderam andar rumo ao futuro. Tudo evidentemente tem exceção, mas, certamente, hoje os versos *Rubaiyat* de Omar Kayan seriam condenados pelos dogmas oficiais islâmicos, a política que sustenta o terror e o fanatismo.

Khalil Gibran, que aprendeu a tolerância com os intolerantes. Edward Said e seu sonho de criar uma força democrática e independente para a causa Palestina, sem OLP e Hamas, e sua visão essencial do mundo árabe como “um”, e não como “outro”, como vê o Ocidente. Amós Oz, então, Pantera no Porão, como não o admirar em sua luta pela paz agora e a solução de dois estados.

Cada um de nós é intérprete dos próprios sonhos. Mas há momentos em que a predisposição para jogos de pensamento e contemporizações deixa dúvidas se é com tal altivez sem esforço que, pessoas ou governos, devem conduzir suas vidas.

PAULO DELGADO é sociólogo